



**HA HA
LUTA
NA VOZ**

*spoken word
pelos direitos
das mulheres*

majesia

**PARA
LUTA
NA VOZ**

*spoken word
pelos direitos
das mulheres*

ficha técnica

Título: há luta na voz | spoken word pelos direitos das mulheres

Propriedade: Mosaiko - Instituto para a Cidadania e
FEC - Fundação Fé e Cooperação

Número de Registo: Mosaiko MCS - 492/B/2008

Coordenação: FEC e Mosaiko

Autores: Fernando Carlos, Fernando Kahombo, João Cunga (Drone
Light), LN, Lua, Lúcia Gerlú, Ndakote Vulu, Olívia Gomes

Revisão: Kacimbo

Capa e diagramação: Rec Design

Local de Edição: Luanda | Junho 2021

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito legal: 10175/2021

ISBN:978-989-35000-7-1

Mosaiko e FEC - 2021 © Todos os direitos reservados.

Licenciado à União Europeia sob condições

“Esta publicação foi possível com o apoio da União Europeia, no âmbito d
o projecto Promoção da Advocacia e Políticas Públicas Inclusivas em Angola.
O seu conteúdo é da total responsabilidade do Mosaiko | Instituto para a Cidadania
e FEC e não corresponde, necessariamente, à posição da União Europeia.”

Índice

Introdução	5
Fernando Carlos	6
Eu não queria que tu nascesses mulher, filha	7
O patriarcado é e morre daquilo que o alimenta	10
Flores ou Direitos?	13
Fernando Kahombo	15
Ainda são os mais ouvidos	16
Por ser mulher	18
(R)evolução Mental	20
João Kunga (Drone Light)	22
Mulher Injustiçada	23
Deusas subalternas	25
LN	26
Falar mulher	27
Querida Filha	30
Umbi Umbi	33
LUA	35
O Assunto aqui, é de género!	36
O mesmo ciclo se repete!	38
Odeio improvisos	40
Lúcia Gerlú	42
O teu valor	43
Justiça por ela	45
Mãe	47
Ndakota Vulu	49
Um Ser Humano	50
Um Verbo-de-Encher	54
S/ título	57
Olívia Gomes	59
Acessório Social	60
Impressoras Humanas	63
Sonhos	65

Introdução

Acreditamos que as palavras importam.

O movimento de spoken word - poesia falada - tem ganho dimensão, a nível mundial, entre jovens que valorizam a palavra e se tornam ágeis no seu uso. Esta poesia não se deveria prender em livros, como este. Nasceu para ser dita, gritada, atirada como luta por um mundo melhor, para todas e para todos.

O Mosaiko | Instituto para a Cidadania, no seu trabalho de defesa de Direitos Humanos em Angola, tem realizado diversas actividades de Arte e Cidadania, reconhecendo o papel crucial da arte na construção de uma sociedade mais justa.

Foi nesta linha de acção e no âmbito do projecto “Promoção da Advocacia de Políticas Públicas Inclusivas em Angola” que realizámos o concurso de Spoken Word “É de Género”, a 31 de Março de 2021. Foi uma noite incrível, em que 8 finalistas comoveram, desafiaram e inspiraram o público presente.

Mesmo sabendo que a poesia falada não se prende em livros, arriscámos a publicação desta obra, que reúne os textos apresentados na final do concurso “É de Género”, totalmente dedicados aos Direitos das Mulheres e com um olhar especial para o Acesso à Justiça, Participação e Políticas Públicas. Quisemos correr este risco por acreditar que valia a pena que mais pessoas pudessem conhecer a luta destas vozes.

Mas não os leia em voz baixa. Grite-os!

Fernando Carlos

Fernando Carlos nasceu a 01 de Junho em Luanda.

É actor, dramaturgo slam poet e escritor. Atuou e escreveu as peças *Janelas para o nada*, *A praça do conto*, *Issunje Kakulo e Kabaça* e *Sonhos de Rua* peça vencedora do Festival Internacional do Cazenga (Festeca) 2013.

Participa de Slam de poesia falada desde 2016. Em 2017 foi vencedor do Luanda Slam com o poema “Manifesta”. Publicou seu primeiro livro, *Ritmos da Luta*, pela Editora Asas de Papel, em 2018. Em 2020 venceu o Slam Tun-dawala e o prémio Matilde Rosa Araújo em Portugal na categoria Lusofonia com o conto “A bicicleta Avó-Mãe”.

Eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Para não seres como as tuas avós, que tiveram de reduzir seus tamanhos reais para caberem na arca que a sociedade passada construiu para elas, como suposta salvação do dilúvio patriarcal

Que tiveram de engolir suas opiniões a seco para que seus maridos, irmãos e pais tomassem as palavras decisivas

Que sua principal missão foi costurar, pena por pena, asas para que os homens de suas vidas voassem até ao mais alto céu dos seus privilégios

Eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Para não seres como minhas primas que têm suportado todo o tipo de violência em silêncio, com o medo de serem condenadas por uma tradição que as anula como ser mulher e as entrega ao casamento para pertencerem a outras pessoas que se intitulam

Seus domadores, senhores de seus destinos, donos de suas vidas, seus amores

Eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Para não seres como minhas amigas e irmãs que têm de dobrar os esforços académicos e profissionais para se qualificarem por profissões que a princípio já são entregues ao outro género

Que têm de gritar até a voz ficar dorida para serem ouvidas nos seus poemas sobre igualdade

Que têm de militar por causas e coisas que elas merecem naturalmente

Que quando se empoderaram como Deusas, levantam-se multidões de ateus a questionar suas capacidades, talentos, competências e seus poderes

Eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Para não seres como a minha chefe que tem de justificar sua pequena fortuna para não ser julgada como prostituta porque a sociedade nos faz crer que as portas só se abrem para uma mulher quando duas pernas se abrem para um homem

É por isso que eu não queria que tu nascesses mulher, filha

Eu não queria que tu fosses uma destas mulheres, filha, mas a culpa não é delas por nascerem num mundo inclinado para os privilégios de um só género, por nascerem com um manual de instrução que tem de ser seguido à risca;

A política, a cultura, a religião todos os dias lêem este manual para elas como se fossem elas robôs, fabricadas apenas para satisfazer necessidades e desejos alheios;

Eu não culpo estas mulheres, filha

Minha avó dizia

que a principal missão dos pais é de darem o mundo como presente aos seus filhos

Eu tenho de te dar este mundo como presente, filha, mas este mundo ainda é um brinquedo muito perigoso para uma criança mulher e de apenas quatro anos, então eu preciso consertar este mundo antes

Eu preciso rasgar este manual de instrução que todas as mulheres são obrigadas a seguir para a satisfação do outro e não delas

Eu preciso rasgar este manual de instrução, filha.

Para que as suas reticências sejam compostas com quantos pontos tu desejares

Eu preciso rasgar este manual de instrução, filha.

Para que as tuas interrogações sirvam apenas para te responderes a ti mesma e não aos olhos e aos homens que te julgarem;

Eu preciso rasgar este manual de instrução, filha

Para que as tuas exclamações não sejam gritos de socorro, mas de alegria por te perceberes mil vezes maior do que eles te julgaram

Eu preciso rasgar este manual de instrução, filha

Para que os teus pontos de vista sirvam como pontos de partida para a renovação da nossa política, cultura e sociedade

Eu vou rasgar este manual de instrução e consertar o mundo para ti, filha

Vou consertar o mundo com ajuda de todas e todos que lerem ou ouvirem este poema, porque ninguém lê ou ouve poemas se não tem a intenção de consertar o mundo

Então serás mulher com dignidade, com voz e vez e quem sabe até com asas para carregares nelas a tua mãe, minha mãe, minhas tias, suas avós, minhas amigas e irmãs, minhas primas e todas as mulheres feridas pela desigualdade do género

Tu serás esta mulher, filha.

O patriarcado é e morre daquilo que o alimenta

No ensino médio eu estudei numa turma com vinte e cinco mulheres e apenas quinze homens, mas nós sempre fomos os representantes da turma, todos os anos.

Vinte e cinco mulheres e quinze homens numa turma no ensino médio e nunca uma delas concorreu às eleições para delegado de turma.

A Marina tentou.

Era inteligente, a Marina

Ao ponto de acreditar que uma mulher pode representar quinze homens, mas tudo o que ganhou foi uma vassoura para limpar a turma junto das outras enquanto jogávamos à bola com os rapazes representante das outras turmas

A Marina estava grávida; como uma grávida vai representar uma turma?

Vinte e cinco mulheres podiam ser representadas por um homem, mas uma mulher não podia representar quinze homens, e ainda mais grávida, numa turma no ensino médio. Esta turma podia ser um País.

Esta história serve para dizer que

Todas as políticas públicas que não defendem as mulheres é porque agem contra elas, porque na corrida para realização e sucesso, os homens nascem com cem passos à frente enquanto as mulheres correm com próteses nos pés
Porque algumas políticas públicas transformam a natureza da mulher em deficiência que a impede de correr em pé de

igualdade com homens para a meta que a nossa sociedade precisa atingir.

O que eu poderia dizer mais?

Que as nossas políticas públicas são roupas feitas à medida para homens, mesmo quando serão usadas por mulheres
Que as que nossas políticas públicas são espelhos onde mulheres não se enxergam inteiras porque há por trás delas uma sombra gigante que se chama sistema patriarcal que é a raiz e o ventre de todas as políticas públicas centradas no umbigo masculino

Poderia dizer tantas coisas ou coisas tantas, mas eu também sou um homem e homens são as armas mais letais que este sistema tem usado para disparar contra mulheres
Eu queria muito poder dizer que, neste caso, nem todos os homens são culpados porque, afinal, a culpa é de quem dispara e não da arma

Mas só que homens não são armas automáticas, homens são armas conscientes que têm a livre escolha de disparar ou não, sempre que este sistema cria políticas que os aponta contra mulheres

Se quando uma mulher erguer a sua voz a declamar os seus direitos

Nós pegamos os microfones para dar asas à sua mensagem
Estaremos a disparar contra as políticas que nos opõem a elas e assim atingiremos o sistema patriarcal que mais facilmente morrerá com o tiro da arma que ele próprio fabrica, que somos nós, homens

Porque o sistema é e morre daquilo que o alimenta.

O sistema somos todos nós, homens, que lêem ou não este texto, que ouvem ou não este texto, nós podemos ajudar a derrubá-lo

E não é desejando “feliz Março-mulher” às senhoras
É a lutar para que aquelas vinte e cinco alunas que representam todas as mulheres angolanas, que são a maioria demográfica deste País, não vejam o seu potencial amputado por políticas não pensada para elas.

Quinze homens e vinte e cinco mulheres numa turma no ensino médio e eles sempre foram os representantes.

No ensino médio, vinte e cinco mulheres e quinze homens numa turma, mas nós sempre fomos os representantes...

Flores ou Direitos?

Desculpem-me todas as flores do mundo, mas tenho de vos emprestar um significado que nunca mereceram.

Flores são despesas que o estado paga depois que um polícia mata uma zungueira

Direitos são lanternas que nos permitem passar pelo escuro sem nos pancarmos

Flores são jantares depois da violência física

Flores são abraços depois do estupro

Flores alimentam de amor os filhos que Joana deixou?

Flores apagam os traumas que o estupro causou

Agora me digam, quem precisa de flores?

Não precisamos de flores

Precisamos dos nossos direitos

Gostamos das flores porque perfumam a vida

Mas gostamos ainda mais do direito a ter vida para se-mear flores

Não é nada contra as flores

É tudo a favor do direito de sentir a bater no peito este coração que as flores enfeitam, mas só o direito à saúde lhe mantém vivo.

Flores para amanhã

Direitos para hoje

Flores para depois

Direitos para agora

Flores para os mortos

Direitos para os vivos

Não precisamos de flores
Precisamos dos nossos direitos

Não precisamos de flores
Precisamos dos nossos direitos.

Fernando Kahombo

Fernando Kahombo é o nome artístico de Fernando Pedro dos Santos, filho de Isabel João Pedro e Valeriano dos Santos.

Desde tenra idade, mostrou aptidões para as artes criativas, começando pelo desenho e a música.

Na adolescência, conhece o teatro ao acaso e apaixona-se, participando em grupos teatrais comunitários. Mas é como desenhista que assina o seu primeiro contrato com a agência de marketing digital e notícias Plum Angola. No mesmo período, participa na fundação e criação de conteúdos para as televisões comunitárias Municipal e Maze.

Um jovem operador de máquinas que preferiu trilhar o mundo da arte e retratar, alertar e transformar vidas através da palavra falada, cantada e escrita.

A sua máxima de vida é “SOMOS APENAS UM INSTANTE, então façamos valer a pena.”

Ainda são os mais ouvidos

Meu telemóvel tocava sem parar e eu mal tinha acabado de acordar. Olhei o calendário, era 8 de Março, um dia efémero. Peguei o telemóvel e logo que atendi, ouvi:

PORQUE É QUE DIZEM QUE SOMOS TODOS IGUAIS, INDEPENDENTEMENTE DO GÉNERO?

Se essa é uma das maiores mentiras que perdura há séculos, aceitamo-la como verdade ainda que não acreditemos. Não, não temos; os mesmos deveres, e muito menos os mesmos direitos. E agora que me lembro, não faz assim tanto tempo, que nos era proibido o acesso ao sistema de ensino. Que, para podermos cogitar a possibilidade de ter um emprego, tínhamos que pedir autorização ao marido. E eles por suas vezes, na maior parte das vezes, diziam “NÃO” porque achavam que os nossos objectivos pessoais e independência financeira já estavam realizados ao casar e ao cuidar dos filhos. E a mulher que não quisesse ter filhos ou casar, era demonizada e humilhada até se sentir envergonhada, pela decisão que ousou tomar.

E votar era um exercício completamente masculino. Porque alguém teve a brilhante ideia de achar que as mulheres não tinham raciocínio para eleger quem teria de manter a segurança do território em que vivia e o seu poderio. Nalguns sítios, nem era permitido escolher com quem casar, como vestir ou se comportar. Tínhamos de estar exactamente no lugar onde achavam que deveríamos e nos obrigavam a estar, sem questionar.

“Mulheres não falam palavrões”, “mulheres não tomam decisões”, “mulheres não podem ser patroas, só ter patrões”.

E assim, foram nos rotulando e nos pondo numa caixinha até criar padrões. E alguns árduos anos depois, já podemos estudar, votar, e até trabalhar. Direitos que desde sempre foram nossos, por isso não podemos nos enganar, relaxar e achar que conseguimos muito, e ficar com a sensação de “já está”.

Porque isso não é sobre o que já fizemos, mas sobre o que ainda temos de fazer. Para que a igual participação na vida pública seja um direito que toda mulher, agora e nas próximas gerações, possa ter.

Já há empregos, mas em que condições? Elas têm voz e poder na tomada de decisões? Elas são assediadas por colegas e patrões? Quais são as leis na nossa constituição, funcionais e existentes diante desse tipo de situações?

Tais leis, mantêm-se nos papéis ou já têm tido aplicações?

Várias são as questões.

Mas mulheres, não precisamos provar que somos capazes. Nós somos!

E se a desigualdade cruzar os nossos caminhos, nos impedindo de passar, não pedimos favores, pulamos em cima dela e nos impomos. E p'ra isso, é preciso sonhar alto e correr atrás dos objectivos com força, determinação e coragem. E não desimportanciem o que digo, por este ser o recipiente que usei para vos transmitir esta mensagem.

Nem acusem de desmerecer o nosso lugar de fala.

Porque nós sabemos que não precisamos de ajuda para lutarmos por nós mesmas e pelas nossas causas. Mas usaremos todos os recursos e mecanismos ao nosso alcance para exigir a igualdade de género, em todos os sentidos.

Até entrar em alguns desses corpos, pois para muitos ou poucos, os homens AINDA SÃO OS MAIS OUVIDOS.

Por ser mulher

Eu, saí das entranhas do meu mundo. E assim conheci o mundo, imundo, do meu mundo.

Ela, ensinou-me quase tudo: lavar, engomar, cozinhar...

Ainda que aquele imundo dissesse, vezes sem conta, que ali não era o meu lugar. Que tinha de ficar, parado, só a olhar. Sujar e esperar, que “elas” iam limpar.

Também ouvia-o falar que elas não valiam nada. Mas como?, se eram elas que cuidavam de quase tudo?

Até hoje não sei o que era mais absurdo: ele destratar quem quase organizava a sua vida inteira ou vê-la a dormir e a partilhar cama com aquele imundo. E isso era quando ela dormia; porque na maior parte das vezes passava as noites em claro, preocupada. Sem saber onde ele estava, e rezava sempre para que Deus protegesse a sua vida e o guiasse de volta a casa.

E voltava. Com as calças encharcadas, camisas amassadas, exigindo comida mesmo sem ter deixado nada. Se irava, ainda mais, e nos acordava gritando em todos os cantos da casa.

Não importava: como ou o quê, se íamos ou não, responder. Porque parecia que sentia prazer em nos ver sofrer. Voltava bêbado e apresentava novamente suas mãos aos nossos rostos, fazendo nossos corpos de bolas e nos enchendo de pontapés. Nos deixando dores e feridas nos braços, pés, e às vezes na cara... Essas feridas até saravam, mas, minha maior tristeza era não saber como cicatrizar as feridas da alma, da minha “mamã”. Passou a ter trauma, ela assustava sempre que alguém gritasse ou batesse com muita força a porta.

Só que, de onde a gente vem, ninguém liga para essas coisas, ninguém se importa. Mas enquanto crescia, fiquei a saber que agressões não eram só as físicas, eram também, e muito mais, as psicológicas.

E ele fazia isso uma vez, e outra vez; mais uma vez, e de novo. E cada vez com mais força, sem demonstração de remorso qualquer. Vizinhas e familiares incentivavam a não prestar queixa: se ele for preso, os problemas de casa, quem vai resolver?

Então, faziam uma sentada. Aí, ele descansava seu temperamento repulsivamente agressivo. Abrandava, mas quando se entediava, voltava a beber... E aí, tudo acontecia de novo: uma vez, outra vez e mais uma vez até ele morrer. E ela ser acusada e julgada, pela maior parte das pessoas, como assassina. Até por aqueles que viam todos os dias a grande sina, que era a sua vida.

Meu mundo desmoronou, sem saber o que fazer ao certo. E os acertos da família do imundo concluíram que nós tínhamos dois dias para deixar os aposentos.

E ficámos sem eira, nem beira, ao relento. Eu e ela, mas isso é mais sobre ela do que sobre mim, pois voltou a passar pelo mesmo horrível episódio, como quando a vida de seu pai tinha chegado ao fim. Meu mundo, ainda quis nos dar consolo, pôs-me ao colo e disse que havia milhares de mulheres iguais a si. Com estórias que tiveram finais ainda mais ruins. Pediu p'ra que eu não fosse um desses loucos que há por aí, que a mudança estava nos poucos que eram iguais a mim. Não entendi, mas enfim.

Seja como for, já deves ter conhecido o meu mundo ou pelo menos já ter passado por ela, sem perceber. Enquanto estou aqui, ela deve estar em cima ou em baixo de uma ponte qualquer, a vender ou a correr. Porque “A JUSTIÇA QUASE NUNCA É JUSTA”, principalmente, para o meu mundo, POR SER MULHER.

(R)evolução Mental

Foi difícil acordar hoje, e ficar com a sensação de: “o que estás a ir fazer?” O concurso “É DE GÉNERO”, sobre Mulher e Direitos Humanos.

– E o que sabes tu, sobre ser mulher?

Não consegui me responder.

Mas agora, depois de pensar nas minhas falhas, consegui entender. Sei tudo num nada e tudo que nada sei, repele. Porque ainda que eu sinta indignação ou me comova com a dor de assédios em escolas, com estupros nas ruas, faltas de escolhas e todos outros problemas que afectam particularmente mulheres, eu teria que nascer de novo, e ser uma mulher, para sentir na pele.

Mas isso leva-me aos anos 50, 60 e princípios de 70 da história global. E procurar adequar possíveis soluções ao contexto do nosso mosaico social. Nesses anos houve um grande movimento chamado “Movimento dos Direitos Civis”: Harriet Tubman, , Medgar Evers, Malcon X e outros tantos. Mas ainda que não seja aceite por alguns negros ou prefira-se ocultar, havia o movimento abolicionista que era na maior parte constituído por brancos. Humanos, contra a escravidão.

E isso leva-nos à grande conclusão: o real movimento de libertação não tem cor, assim como o verdadeiro movimento para a igualdade de direitos, não tem género. Ninguém devia ser julgado ou taxado por ter nascido com mais nem menos. Privilégios ou privações.

Devemos, sim, buscar formas de criar ou adequar leis para todas as estratificações.

Reivindicar ao sistema de justiça; judiciário, advocacia, ministério e defensoria públicas. Levar as leis às zonas urbanas e rurais, até tornarem-se música. Para depois exigir do sistema de segurança uma correcta postura. Porque para a (r)evolução precisamos recorrer às máximas: “Mudam-se as mentes, mudam-se as culturas” e “Os juízes estão vinculados por precedentes, mas não poderão ignorar a mudança cultural”.

Quem faz as leis, e cria as políticas públicas, são pessoas. Por isso, para que haja mudanças palpáveis, só precisamos de uma (r)evolução mental.

Então isso não é sobre mulheres. É sobre humanidade: caucasiano, latino, índio ou negro. Com todos ou a falta d’algum membro.

Nem dó, nem pena. Não precisamos de flores, precisamos dos nossos direitos.

João Kunga (Drone Light)

Drone Light, é o nome artístico de João José Zangão Cunha, nascido no dia 2 de Setembro de 1992, em Luanda. Além de escritor, professor, compositor, produtor (hobby) e empreendedor.

Os seus primeiros passos no Universo da Poesia aconteceram na adolescência, através da escrita e algumas actuações na escola. Começou muito recentemente a interessar-se pelo Spoken Word vendo alguns slammers nas redes sociais, pois até então só tinha participado em concursos literários.

Mulher Injustiçada

Não há justiça para uma mulher estuprada,
Não há justiça para uma mulher assediada,
Pois ela sofre calada
E condenada a chorar na calada da madrugada;
Quando abre a boca chamam-lhe “assanhada”.
Não há justiça quando a justiça tem preguiça,
Quando o patriarcado a injusta atíça;
Quando a pobre empobrecida é obrigada a viver submissa,
Quando um ser feminino não pode celebrar a missa.

Não há justiça!

Não há justiça para esta mulher à beira da estrada,
Destinada a estar sentada à espera da clientela;
Numa manhã que era suposto ser bela
E o polícia, que devia ser sentinela dela,
Não sente nela.
Surra-lhe o corpo que era suposto ser dela
Na verdade, ainda é dela, mas já não acredita
Em algo que lhe limita
E tira tudo dela.
Não há justiça para esta mulher tratada como escrava,
Vista como empregada;
Tudo lava,
Tudo passa,
Mas esta injustiça maldita nunca passa,
Nunca passa.

Não há justiça!
Só trapaça!

Não há justiça para essa mulher objectificada,
Quando a promessa de justiça é sexualizada,
Quando a sua acção é fragilizada,
por alguém que deveria servir de vanguarda.
Quando os seus gritos acabam em nada,
Quando permanece no silêncio,
Pois como uma boneca de boca cerrada,
Foi educada a ficar calada.

Não há justiça!
Só trapalhada!

Deusas subalternas

Mulheres cativas na cozinha
Reduzidas na família ao labor
Suas falas são mudas
Preparam a muda do suor

Seu silêncio é dogmático
Seu Saber tem pavor
Abster-se é enfático
No pavor do desamor

Mulheres subjugadas pela
Inércia, idealizam que só testículos
têm títulos de presidência

Deusas vinculadas a subalternas
Aparecem a conta-gotas na assembleia
Enquanto a maioria enfeita a plateia

Ensinaram-lhe que cargos são dádivas
dos homens

Mendigam importância
Imputadas à ignorância
Cativas na dependência
Não desabroçam

Espinhos não soltam a fluorescência

Clamam, clamam
Respondidas em pontapés
Suas esperanças são exéquias
Seus amos, lava-pés.

LN

Nascida aos 27 de Setembro de 1998, na província de Malanje, é formada a nível Técnico em ciências Físicas e Biológicas pela Escola Eiffel Malanje, estudante de Arquitectura e Urbanismo do ISP-Huambo.

Actualmente, mora na cidade do Huambo e a paixão por escrever já é velha; a coragem para publicar e declamar vem de tenra idade.

“A imaginação é mais importante que o conhecimento” (Einstein). É essa a frase que carrega sempre que escreve, assegurando-se de mexer com a forma de pensar das pessoas.

Falar mulher

1,2,3

Vamos lá!

Inspirem, agora expirem, mais uma vez!

Inspirem, agora expirem, prontos?

E se aceitássemos respirar o ar que negamos constantemente

E se vivêssemos os sonhos que a realidade nos retira frequentemente

E se negássemos dogmas, restrições, opiniões, que nos dividem por motivos sem razões

Ações que nos tiram o direito de sermos género misturado com emoções

Com pedras nas mãos, somos julgadas sem juíz

Falar como uma menina não condiz numa sociedade cheia de flores de raiz

Direito à vida, direito à protecção, segurança, pensamento, privacidade

direito a liberdade!

Se o feminismo for a busca por direitos iguais, entre géneros

Então eu sou feminista,

mas fico por aí, porque eu sei que o meu género

É o meu poder

Então eu quero continuar a ser mulher!

Matemática fácil, Mulher igual a poder

O Muhatu Umoxi nvawama yavulu

Não temas mulher! Segue. Em frente.

Pega no vector e segue a tua direcção e sentido
Ainda que sejas a Joana!
Eu sou a Joana, passei a minha vida calada
Desde pequena fui estuprada. 10 vezes.
Falei à minha mãe e ela disse: shh! Calada!
Deixei de ser a Joana
Meu nome passou a ser SILENCIADA, tive que ter a cópia
do BI actualizada

Uma mente brilhante iria logo gritar:
podias muito bem denunciar!
Mas a Joana mal falava português
Na aldeia era chamada de bruxa por diversos porquês
A Joana não tinha Insta, Facebook, notebook, nenhum book
Que lhe abrisse a mente e lhe ensinasse o que fazer, tipo...
Como fazer
Tweets iguais aos do Trump, *hashtag: estupro da meia-noite na minha cubata*

Bug!!! Outra maka mais, a minha mãe também era estuprada.

Conseguiram perceber quem é a Joana?

Porque falo dela como se fosse ela e ela fosse eu
E nós fôssemos ela, encarceradas todas em uma cela
Que nos pede voz, mais voz, mais voz!
Chegou a hora de destruímos o silenciador da dor
Com o mesmo tom suave e fino
Não tão grave, não tão agudo

Levanto-me diante de hormonas de gravidade
Para elevar o som da minha voz, ou melhor da nossa voz!
Para falar mulher!

Na city, no gueto, com tecto ou sem tecto
E afirmar que exigimos amor!

Exigimos respeito, exigimos igualdade de género.

Sabemos que o masculino é o Hino,
então falamos mulher!
Sabemos que o masculino é a bandeira,
então falamos mulher!
Sabemos que o masculino é o que lidera,
então falamos mulher!

Mulher, mulher, mulher, vamos traduzir até que todos
possam entender
Que frágil não é o género,
mas as mentes que não conseguem ver
Que mulher é igual a poder!
matemática fácil!
Mulher igual a poder.

Querida Filha

Éramos 6
seis vezes seis
36 motivos para surtar de vez
em 6 partes distintas
1 leva um agarra 2
2! Passes livres para depois
Pois 3 vezes repetidas se refez
4 lados do universo do talvez
5 terços encurvados no convés
6! Somente 6!
Aí aconteceu você!

Eu olhei para o tamanho da minha barriga e perguntei:
será que estou pronta para te ter?
Eu sentia que dessa vez era especial, porque 7 sempre foi
perfeição!
Ainda assim, eu tive medo! Eu queria sacar você porque eu
tinha noção da dificuldade que era ser mulher, não queria
repetir o ciclo
eu disse, minha filha não vai ser parte desse circo, palhaços
já temos muitos, amontoados no lixo.
Ventos abrem caminhos, asas alas para o destino, foste
fruto de um estupro, mas não eras proibido!
Então, eu descobri a minha voz no som daquele ultra-som
que me confirmou que teria que ouvir mais de 1500 sons
da boca de uma menina que cresceria e se tornaria mulher,
Sim!, por mais pequena que sejas, um dia serás mulher!

Será difícil aceder à educação para ti, mas nunca deixarei
que recorras à prostituição! E sem pressa! Ainda terás que
aprender a andar, a cair, a levantar
Cada coisa tem o seu tempo e cada coisa tem o seu lugar
Mas acredita, filha! A cozinha não é o teu lugar!

O teu lugar é aonde quiseses ficar
Seja em casa, quebrando padrões
Na guerra, puxando o gatilho
Ou em marchas que colocam em afirmação o feminino!
E não te vou mentir, será difícil!
O teu trabalho será triplo
3 vezes a força, vezes o deslocamento,
então, filha, quanto maior a força, maior o deslocamento e
não importa o valor do tempo.
Então, não desistas! Representatividade importa!
Não importa quantas portas fecham para calar a tua boca
Filha! Usa o teu cabelo sem medo
Tal como os panos que amarras à bessangana,
mas fica à vontade; há vezes que terás de usar calças, e
isso será motivo suficiente para deixar toda a gente es-
candalizada
Mas não recues!
Só Ngana Nzambi conhece-te desde o ventre
Não recues! A menos que queiras te tornar numa está-
tua de sal
Para frente é o caminho, verdade e vida!
Então, filha, Njinga que nem a Mbande
Desce de quedas, vai a Kalandula
E se saltares, deixa as tuas pegadas marcadas nas rochas
desta nação

Terás que ser firme para gritar:
não sou o vosso produto interno bruto
Nem de assédio ou agressão
Terás que te afirmar com um milhão de exclamações
Mas não significa que farás isso sozinha, afinal, a união faz
a força
E somos todos iguais, mas não tão iguais,
porque o leite que eles bebem em copos
é diferente do que sairá do teu peito!
Por seres minha filha,
te chamarão de filha dos becos
Don't panic! És tu que vais terminar com os estupros nos
becos.
Éramos 6, contigo somos 7.

Umbi Umbi

“Umbi umbi yange Yelela Tuende, Kakele Katchimbamba
Osala posi”

E se o (a) fosse (u) e se o (u) fosse (a)

E se o (a) fosse o (e) eh eh eh

Será que não conseguem ver?

Os pássaros mortos nessa estrada, à procura do caminho
de casa

Desesperados por comida, descanso e mais calma, mais
calma

De formas a remexer a alma!

Não conseguem ver?

As saias travadas à espera de serem ajustadas pelo

Suco eh, suco, agora mata meu ndengue

Estamos cansadas de ser mortas!

Andamos nos becos escuros de noite com os mesmos
mantras na cabeça

Que treme é folha!

Que dá volta é cinto!

Pensar é na prova!

Ficar parado é na foto,
com uma flor e um sorriso no rosto

Nós não precisamos de flores

Precisamos dos nossos direitos!

E os nossos direitos precisam de nós como água fresca
num dia de calor
Não adianta posar para fotos quando não temos sequer
futuro remoto

Quantas vezes preciso dizer
Que flores têm pétalas, mas nós temos muito mais
Flores têm raízes, mas nós temos muito mais

E sim! de vez enquanto é fixe ouvir: você é capaz!
Sim! És forte mesmo não sendo um rapaz
És a paz com curvas ancestrais, então voe!
Mesmo se não tiveres as pétalas de uma flor
Umbi Umbi, dá o teu voo e mostra o teu melhor.

LUA

Lua ou Lua Mbeji pseudónimo literário de Adolfina da Cruz. Poetisa, slamer, slammarter, oradora, apresentadora, professora, atriz e CEO do Slam Lunar.

Faz parte do Colectivo de artes Pedro Bêlgo, como atriz, e é membro dos grupos de poesia Forno Feminino e Tamujunto. Suas performances únicas, misturadas com canto já lhe permitiram actuar em províncias como Luanda, Bengo, Benguela, Kwanza Sul e Uíge.

Participou em vários concursos como Tundawala 2019 (segundo lugar), Slam das Minas Suburbanas do Brasil, 2020 (segundo lugar), e, no mesmo ano, foi Campeã do Muhato Spoken.

O Assunto aqui, é de género!

É de género ser apenas uma flor, para murchar ou amolgar à velocidade que te consomem as ervas daninhas, te meter à prova da virgindade em panos brancos de seda, repugnar as tuas espinhas.

A luta pelos direitos igualitários, ajustes de salários, emancipação, inclusão e ter o seu intelecto como único sustento para dar bases aos seus simples argumentos. E nelas... A liberdade de viver sem carências, sem lama, ter várias posições além da cama, poder andar na rua despida de padrões, completamente nua, sem agressões... Surda! Para não ter de escutar palavrões.

É de género o jogo psicológico, na família cocaína, ensinamentos tóxicos, é de género a desigualdade, discriminação social em todas as idades.

Isso é o que sinto. Supostamente, todos têm direitos sem discriminação de qualquer tipo, independente do momento, cor, sexo, opinião política, religião ou nascimento.

São três gerações de direitos que visam a liberdade, igualdade e fraternidade, algo que não se confirma há anos na nossa realidade. A 18 de Dezembro de 1979, nas Nações Unidas, se fez a convenção sobre a eliminação da discriminação das mulheres, vês?

Nossas ancestrais eram Matriarcas e já tinham poderes, a luta feminista beneficia a todas as mulheres, o quê que isso te diz? Nós precisamos de horizontes além da cozinha para ser feliz e não ter sempre alguém para nos dizer o que fazer, como devemos ou não ser mulher, ter que conter o sonho, a capacidade e vontade de contribuir para esta sociedade parar de se fechar à realidade e ser mais aberta, ter a oportunidade de escutar a escolha certa.

Espera!

Há uma parte da história que não está errada, vocês têm razão quando dizem que a mulher é delicada, porque com tantos anos de operações, vocês já levariam porrada. Vocês aplaudem o que eu falo nessa sala, mas lá fora não faz sentido, vocês me dão ouvidos, mas ignoram os meus gemidos. Falar de desigualdade social é uma coisa que todo homem pode até falar, mas nunca sentirá na pele o que uma mulher costuma passar.

Por isso vim aqui contestar, na verdade “filho” só é bênção quando você não vai criar. Fuga à paternidade e ponto de interrogação. Eu vim falar sobre exclusão e opressão, por pressão para tocar na moral, Spoken Word, palavra falada, poesia marginal. Falar com vontade, pouco importa se doer, essa é a realidade.

E dessa vez minha cabeça está erguida, nas tintas se para ti for a santa ou amargurada oferecida, quero validar minha presença na rua, em casa, não me ensine a andar no chão com objectivo de me cortar a asa. Sou a justificação das rainhas africanas e a sua grandeza até às lutas da revolução francesa e se o assunto, aqui, for de género, direi que é engano porque independentemente de tudo, somos seres humanos, com colhões ou com vagina, sem comparações, sou muito menina.

Sou a representatividade que se procura agora, sou Ginga, sou Lurdes, Olympe de Googes, sou Lua de Angola, sou mulher, e capaz de fazer tudo aquilo que eu quiser.

O mesmo ciclo se repete!

Respeitem a farda! Respeitem a patente! De quem bate na cara da gente e o mais incoerente é que o polícia, o marginal e o fiscal dançam a mesma música no seu quintal: corrupção!

E lá vai, fila de carregadores. Já diziam os últimos netos que esquemas não montam coreografias, quando as desgraças formam as gotas da bolsa de água em que levita cada feto, que irá ter pleno conhecimento de que é crime possuir essa arma que é o conhecimento, aproveitar cada momento, perceber que a gente se perde ao longo do trajecto, e quedas são degraus que nos levam a subir duas escadas em relação ao tecto.

Controla! Nem todos são nossos, assim dizia dona Juliana e reflectia. Quem diria que ela seria mestra da Filosofia, pois em palavras miúdas ela me fazia ter noção, a arregaçar a mangas e tirar as mudas de um regime de opressão, a firmar os pés do solo apesar da longa caminhada, ela não tinha dinheiro, mas ainda assim era empoderada. Mesmo feia, elogia “minha bonita” para render o seu sustento e em casa, “bom dia”, eu lhe dizia “Xé, Kota! Não simula comportamento”.

Mulher de alto astral, bilo decotado, pano amarrado, vida fustigada, mente acorrentada, cara cheia de rame-las; mas eu via beleza naquela cara amarrotada e nua, que ela não passou bem a noite, mas a vida continua e era com grande motivação que ela cantava os hinos dos bairros da nossa nação.

Imprevisível como era, parecia um jogo de xadrez, ela não tinha estabilidade para esperar jabá no fim do mês. A luta pela sobrevivência era sua maior vitamina, ela falava “ar-

reiu na minha saia, arreiou na minha blusa,” mas nunca arreiava a sua auto-estima e eu chegava a me perguntar o porquê de muitos julgarem a sua condição de vida?, era apenas uma mulher à procura de comida!

E foi numa dessas suas longas trajectórias, que um trio de balas apagou a sua história e vimos voar, na velocidade de um clique, a história de nossas guerreiras mortas, tal como Juliana Kafrique.

Mesmo na aflição, elas levam o pão de cada dia, ou o dia de cada pão, porque aprenderam a ser heroínas para os seus filhos, com um simples negócio na mão. E a luta não é contra o polícia, muito menos contra essa gente, a luta é contra a impunidade nas patentes.

Reclamamos para que os males se resolvam e porque as nossas vidas importam.

Odeio improvisos

Odeio improvisos, odeio versos, odeio prosas, odeio a ideia de rosas, dessa fragilidade, odeio tudo que não me permite ser verdade, ser apenas eu...

As palavras ódio e improviso convergem em mim, e me fazem ser assim... Lembrar de quanto guardo mágoas e insegurança, reflectir no quanto sou criança, nessa busca por aceitação e luta por aprovação. Criança com a coragem de me desconstruir, ser autossuficiente e capaz, de me unir com outras mulheres e deixar a insegurança para trás. Lembram-me os medos de expor as minhas opiniões, apresentar as minhas soluções e fazer parte do conjunto de mulheres que mudaram gerações.

O improviso gera ódio porque não estamos acostumadas a sair da nossa zona de conforto. A lei nos cega, nos enfaixa, prende numa caixa em que a soltura para liberdade é um corpo morto. Não temos espaço de margem, a educação é maquiavélica em forma de boa mensagem, os manuais de etiqueta insistem em ensinar

“mulher é aquela que sabe o seu devido lugar”. A violência em forma de obediência é experimentada, a justiça imparcial muda, para não falar nada, as nossas vozes a cada dia silenciadas. Por isso, decidi ter minha própria sombra, ao invés de me usar como reflexo me fiz espelho, mostrei minha realidade me enchi de verdade e decidi valer pelo meu desempenho, não pelo que se dita, mas pelo que minha mente produz, não serei mais um Cristo nessa cruz, eu mesma sei consolar minhas dores e não precisamos de flores, queremos direitos e os nossos valores.

Não iremos nos inibir porque tal como vocês, nós também nascemos aqui e como disse Bel Neto, “não preciso que me ensinem como devo ser, antes de te conhecer eu já era mulher”, minha poesia é só mais um rebento.

Pensando bem... Nunca tive ódio de improvisar, mas medo dos custos da liberdade, medo do quanto custa expressar, medo do quanto custa falar. E lá no fundo, sei que isso causa desconforto, porque o único sexo frágil são vocês, que não aguentam ver mulheres no topo!

Lúcia Gerlú

Nasceu em Luanda aos 28 de Agosto de 1995. Seu gosto pela poesia surgiu durante a sua infância onde limitava-se a escrever versos e os seus pensamentos.

De nome artístico Lúcia Gerlú, começou a declamar por incentivo de uma amiga, após esta ter lido os seus textos.

Integrante do grupo feminino de poesia “Forno feminino”.

O teu valor

O teu valor para onde foi?
Para os estilistas que dão padrão do corpo perfeito?
Da moda que diz como deve vestir a mulher perfeita?
Ou do homem que diz “te amo” quando é conveniente?
Que te coloca em submissão de escrava.
E ai de ti se reclamas.
A família vai-te condenar.
Se ele trai ou bate, é lá que você deve ficar.
Se ele tá a comer fora, que tipo de comida você lhe anda dar.
Você carrega sobre os ombros cargas que não são tuas.
Você tem que ter resposta de ações que não são tuas.
Eles cometem, e você leva a culpa.
Alguém roubou teu primeiro amor .
Você não vai trazer desonra a um lar caso tente proteger
seu coração ou seu corpo .
O estupro vai-te rasgar no meio, mas não vai ser o teu fim.
Seu corpo não tem que ser manipulado pelas pessoas erradas.
Esta cama segura não deveria causar-te medo.
Colocam-te no chão ao chutos e pedem que te ponhas em pé.
Hipócritas!
Eles deveriam saber que você pode ser tão angelical quan-
to atrevida.
Calma, forte e destemida.
Que por baixo da pele de gata você esconde uma loba.
E você não precisa ser igual a ninguém.
Ninguém pode te dizer como ser você.
Tuas opiniões não te deixaram menos bonita.
Não tenhas medo do som da tua voz.
Um homem perguntou-me porque eu me achava sexy

Eu respondi “porque sou mulher”
É tudo que você precisa ser.
Quando perguntarem o que você fez
Diz “fiz mais do que foi esperado”.

Estive aqui.
Fui mulher.

Justiça por ela

A justiça é um bem comum
Todos devem ter acesso
Esse é o verdadeiro significado de respeito

Mulheres são violentadas

E a grande questão é o jeito que ela estava vestida
Não me contaram
Foi o que eu ouvi na esquadra, quando buscava por justiça
Que à minha saia faltava tecido
Que os meus peitos foram um estímulo
Que daquele jeito ninguém conseguiria conter os instintos
Que preciso me guardar
Saber me comportar
Para que, em cada esquina, os outros possam me respeitar
Eu me pergunto...
Será que o pano da minha avó despertou os teus desejos
mais insanos
Será que a fralda da minha sobrinha preenchia os teus planos
Obscenos de tesão
A ponto de não conseguires domesticar a tua ação
Loucura!
Doença!
Nua
Vestida
Bêbada
Ou sensual
Minha roupa não justifica a falta de empatia
De um ser que devia ser racional

Entender o bem e o mal
Que NÃO, é sinónimo de NÃO!
Hematomas e marcas de cintos no corpo da minha mãe,
eles dizem que foi só uma briga de casal
Para acender a paixão
Que meu pai tinha razão quando levantou a mão
Que mulher mesmo, às vezes, precisa de uma boa lição
É tanta desigualdade
Estamos muito longe da equidade
A falta de educação jurídica não protege a maioria
E faz a tua voz não ser ouvida
Tu vives oprimida
Desprotegida
A falta de inclusão na justiça começa
Quando culpam a vítima e justificam o agressor
Discurso doce recheado de dor
Querer justiça numa sociedade machista
Que cala tua voz
Tua alma
Mata tua esperança
Sociedade que não quer ver a vítima como vítima
Então, me diga...
Melhor, reflecta
Será que dentro de uma mulher
Não corre o mesmo sangue nas veias
Não corre vida nas artérias
Sentimentos
Medos
Sonhos
Não merece gozar dos privilégios de um ser social?

Nós queremos justiça nesse regime desigual.

Mãe

Seus beijos lembram um beija-flor
Com ternura e amor
Na sua cubata de chapa
Após uma longa jornada
Eterna caminhada
Kitandeira
Mamã guerreira
Nasce ladrão
Forma patrão
Educa político
E ainda dizem que mulher não fala política
Sexo frágil
Que nasce o forte
Pois não há um homem se não houver uma mulher
Eu não quero flores para ela
Quero que parem de correr atrás dela
Vão procurar ladrão
Aí, também tem vosso pão
Eu quero poder continuar a ouvir dela
Arreou, Arreou, Arreou
Na minha blusa, arreio
Não quero chocoteiras
Só quem conhece novidade
Bonita da Zap
Se não vai comprar
Afaste-se

Não precisamos de flores
Precisamos dos nossos direitos

Direito a escolher nossos caminhos
Já chega de dizer que mulher sozinha não resolve seus
problemas
Que fica melhor com uma panela
Que precisa de homens a tomar decisões por ela

Não precisamos de flores
Precisamos dos nossos direitos

Direito à liberdade
Ter voz na sociedade
Cansamos de flores
Flores que machucam pelos espinhos
Que a cada caminhada perdem uma pétala
Não queremos flores
Queremos justiça
Justiça
pelo estupro da Maria
Pela surra da Joana
Pela Morte da Ana
Queremos voz
Queremos voto
Na igualdade que tanto falam
Não a Sororidade

Não precisamos de flores
Precisamos dos nossos direitos.

Ndakota Vulu

Ndakota Vulu, pseudónimo literário de Filipe Aragão, é aspirante a escritor e declamador de Spoken Word, tendo participado como poeta e contista em duas Antologias, Kandongueiro e Contos G.E.L.E.L.A, realizada pelas editoras Massona e Esobrenos.

Como declamador, estreou-se no dia 31 de Março de 2021, no Concurso “É de Género” realizado pelo Mosaiko - Instituto para a Cidadania.

Entrou para o mundo da literatura em 2010, sem a mínima ideia do que fazia, praticando a escrita expressiva, o que em 2018 o elevou a contista.

Apesar de já engatinhar nesse vasto universo das letras, ainda vê-se longe de ser um embrião, devido à sua inexperiência, que procura diminuir todos os dias.

Um Ser Humano

Da criação
até à expulsão do Éden
que vive em submissão
de quem muitas vezes a vê como ninguém!

É mulher
de carne, osso
e sentimentos também
que muitas vezes é tida como propriedade de alguém.
Abre a boca mas não fala, bebé que não chora e não mama
porque se o fizer leva chapada,
porrada e até mesmo coito forçado, ela é abusada.

Uns têm-na como propriedade,
são insanos, provocando síndromes como
a de Estocolmo.
Sem piedade,
dominam seus prazeres
Seu desejo sexual advém da agressão física
e assim morre uma menina,
adolescente
jovem
Mulher.

Morre uma alma
Alma que já não brilha.

Ela não se cala
apenas seus predadores têm mais força
pressionando sua garganta

Jogada numa poça de vergonha,
com a moral dilacerada e a índole maculada,
vê sua esperança desfalecer nas ironias de quem devia ser
o amparo de sua alma.

Ela não tem o socorro dos céus e nem da terra,
e, quando tem,
o braço que a acolhe é o mesmo que a aperta.
Todos querem algo dela!

A corda rebenta do lado mais fraco,
azar,
alguém cortou o lado dela,
dizendo que deve ser protegida
que não pode ter brincadeiras rotuladas
como sendo de homem
senão,
pintam-na à imagem de um Maria-homem.

Disseram que ela é frágil,
que não pode ser ágil,
suas ações são limitadas a uma mera parte
da parte
que eles não querem fazer parte
partindo do princípio de que eles são a parte
dominante.

A justiça é cega com ela
mas tem olhos a favor do seu opressor
sua angústia é um grito no vazio
correndo para os ouvidos de ninguém
tentando amenizar a dor
de ter parentes empurrando-a para a morte
dizendo:
nós também sofremos, manter tem que ter sorte
amigos que fingem dar suporte
dizendo que a vida é mesmo assim,
não há mulher que não sofre.

Se ela cala:

ama;

agrada;

respeita;

é forte.

Se ela fala:

cansa;

amarga;

desrespeita;

é falta de chicote.

O homem que tenta dar-lhe espaço

é visto como frouxo

que por não domá-la acabará corno.

Ela é a irmã que por ser mulher é taxada como quem deve ficar em casa:

lavar, cozinhar, engomar

e aguentar as toxinas másculas que a fazem duvidar de suas qualidades

enquanto eles...

são educados a dominá-las,

com palavras ou chapadas,

porque na capoeira quem manda é o galo

e elas são a espécie mais fraca.

É mais do que parte da costela,

irmã mais nova,

sexo frágil,

que precisa quem a controla,

adolescente, alimentando mentes doentes

jovem submissa ao namorado medíocre que abusa da força

física para ocultar seu complexo de inferioridade frequente;

mulher emudecida pela sociedade que a explora...

Ela é um ser humano

com poder de decisão,

que não roubará um lugar que ela merece desde os tempos de Adão.

Só precisamos parar de fingir que não temos medo da

grandeza dela para tê-la ao nosso lado.

O mundo não precisa de fracos e fortes,

precisa de seres humanos que não usam da vantagem físi-

ca para oprimir e apontar culpados que não precisam disso

para trabalhar, cuidar, amar, prosperar e gerar vida.

Um Verbo-de-Encher

Eu sou o verbo não conjugado por pronomes másculos,
encho a gramática dos direitos humanos porque meus di-
reitos são dependentes dos direitos dos machos.

Não sou tida nem achada, sou um verbo-de-encher
encho igrejas, assembleias, hospitais, empresas e cadeias
encho casas aonde minha voz não é sentida, nem pelas
cadeiras

Sou a mulher zungueira com os sonhos enclausurados nas
mãos de quem governa,

minha esperança vive na resistência das minhas pernas.

Liberdade é utopia, pelo menos para mim

tenho um tecto em troca de boca fechada,

roupa lavada,

comida na mesa

e olhos nas crianças.

Embalada pela pobreza,

tenho a sorte nas mãos de quem é visto como cabeça,

líder,

macho,

mesmo quando este não pensa!

Deram-me um papel, definiram meu lugar,

chefio por interposta pessoa,

tenho os passos medidos,

meu género é um CASTIGO!!!

Minhas escolhas são limitadas

por quem se limita a limitar só a homens

o acesso aos cargos de direcção

e, quando não,
o sol é tapado com a peneira vendendo a imagem de equidade
ao mundo e à nação.
Meu contributo à sociedade é asfixiado por meu desejo
atropelado pela exclusão social e na desigualdade no aces-
so, até à profissão.
Não sirvo só para ser mãe,
ficar em frente ao fogão,
calando vozes que lutam por direitos iguais
e pela participação activa.
Também posso liderar.
Contribuir para o desenvolvimento.
Traçar caminhos em direcção à riqueza, e à paz!
Não desejo ficar à frente nem atrás, ser sombra de quem
faz ou não faz mulheres pensarem que são incapazes de
ser pilar e uma sociedade guiar.
Meu físico não me define, Nzinga, a Mbande já provou.
Liderando homens e mulheres
até contra um vírus Silvia Lutucuta lutou!
Posso liderar um povo, herdei das minhas ancestrais um
trono que me foi negado aos poucos.
Sou vítima do machismo como negro é do racismo.
Tenho barreiras impostas e auto-impostas.
Não possuo ideias próprias e às vezes autonomia para tal.
Se penso bem, todos dizem:
é inteligente,
pensa como homem,
nasceu no corpo errado.
Se penso mal:
é tola,
pensa como mulher,
só podia ser mulher.

Então pergunto eu:
“afinal,
o que é ser mulher?”
Aplaudir e servir?
Não agir e esperar que alguém haja por mim?
Ter pena de mim,
ser frágil no corpo e ser, obrigatoriamente, abaixo do meu QI?
Subir as escadas nas costas de um homem para dar-lhe o
prazer de dizer “você não vive sem mim?”
Crescer, vendo os pais dizendo que homem não lava, não
cozinha, não engoma e se lavar loiça não lava panela por-
que isso é trabalho de mulher?
Isso é que é ser mulher?
Ser incluída no papel e excluída da realidade?
Participar em todas as esferas da vida e pagar caro por isso?
E se for assim:
eu cuido, penso e ajo por mim?
Minhas decisões são seguidas e minhas opiniões ouvidas
até ao fim?
Será ruim?
É isso
que vocês querem impedir?

S/ título

Se fosse para dar um título,
seria o mesmo,
direitos humanos
homens e mulheres,
todos pensamos e respiramos,
merecemos ser bem tratados.

Todos temos direito de amar e ser amados, e não maltrata-
dos por quem justifica sua maldade com base em expecta-
tivas frustradas e planos não concretizados.

Fazer o bem faz bem e o bem não faz mal a ninguém, en-
tão nem vem.

Dizer que mulher não pode ser compreendida
que para castigar o homem Deus fez ela como um enigma.
Nossas ações, pensamentos e crenças são resultados de
nossas experiências e do que presenciamos.

Então, não aponte o dedo à mulher que só tenta ver os
seus direitos concretizados.

Amei uma mulher,
sua presença era uma ameaça para os ditos “machos”
ganhei coragem,
olhei-a nos olhos
igualei sua beleza à de uma flor
e ela
sorriu
olhou-me nos olhos até ver-me a alma e disse:
- Não precisamos de flores
precisamos dos nossos direitos.

Eu não entendi o porquê daquilo até ela partir
e não vos vou dizer
guardo esse tormento apenas para mim...
Sim, elas não precisam de flores,
e não só dos seus direitos,
precisam ser vistas como seres humanos.
Ela é MULHER.
Que carrega no seu ser a origem de tudo,
da vida,
não é só um verbo-de-encher
é o êmbolo de qualquer sociedade
é Poetisa Lua que despe-nos da nossa grandeza disfarçada
e mostrando nossa fragilidade
é Deolinda
Cremilda de Lima
Fanny e Hitila
Irene A'mosi, que tanto me inspira
é força nas palavras da LN,
Olívia Gomes com sua dicção solene
é Vadia de Lúcia Gerlú
desfilando na calçada dos moralistas sem moral
como um ser comum
é minha mãe,
minhas irmãs Nila, Luisa e Gugú.
É uma fonte de força inesgotável transpondo as linhas do
preconceito que a aprisiona há séculos por maldade
é companheira e amiga
Leonora Sapalo,
MEU AMOR PARA A ETERNIDADE.

Olívia Gomes

Poetisa e declamadora, membro do movimento literário Lev'arte desde 2011, nascida em Luanda a 7 de Outubro de 1993, é formada em jornalismo pelo IMETRO.

Vê na escrita refúgio, paixão, missão e superação. É uma forma de se pronunciar para vida.

Servir é sua filosofia de vida e marca no mundo.

Em 2013 venceu o concurso de declamação de poesia realizado pela TV Zimbo. Em 2015 participou da Antologia feminina do Lev'arte, intitulada Canto de Kianda, em 2016 participou no álbum "Igreja para as ruas" do grupo Angospel.

Em 2021 estreou-se como Slam, e foi uma das finalistas do concurso de Spoken Word realizado pelo Mosaiko, Instituto para Cidadania.

Acessório Social

Refém do amor-próprio, aprisionada num contexto deturpado de igualdade

Que fragiliza a inocência e escraviza a diferença tornando-nos hóspedes

Em corpos de mulher sem nunca chegar a ser

Formatadas como acessório social para satisfação sexual
Sem direito a voz nem vez

Silenciam nossa essência transformadora oprimem nossas forças

Renegam-nos o direito de sonhar os nossos sonhos

O direito a uma vida com dignidade, pregam-nos sobre castidade

Mas é em nome dela que a virgindade é arrancada

Brutalmente, desde terna idade, sem liberdade de escolha

Somos formatadas como acessório social para satisfação sexual

Sem direito a voz nem vez

Dissemina-se a cultura do silêncio

Enraizada no medo

Na dependência emocional e financeira

Para silenciar a nossa voz

Em nome da submissão, suportamos caladas

Pois a vida nos ensinou que nossa missão

É ser guerreira, e ser guerreira é consentir a dor

A injustiça por causa dos filhos

“Aguenta filha, todas nós passamos por isso agora é a tua vez“

É sobre esse corpo frágil, essa mente sem opinião, que a
violência sexual
Física, psicológica, ganha corpo

Em nome do amor

Aperta-se o gatilho na minha existência por causa do anel
o dono do anel achou em mim propriedade
Destruiu minha essência
minha alma, meus sonhos, sem pensar em mim
sem pensar nos meus filhos, apertou o gatilho

Dizem que foi mais um crime passional
Mas não!

Eu sim, dei minha vida por amor
Suportei um bêbado, suportei traições, humilhações
Silenciosamente assisti à minha morte
Enquanto meus filhos foram entregues à prostituição, à
criminalidade
Porque o pai só sabia ser homem para me esforçar e agredir
Deixei órfãos, perpetuei a pobreza na vida dos meus
Porque não soube dizer “basta!”

Eu não era seu objecto,
Fui feita carne da tua carne, osso dos teus ossos
Com direito a voz nem sonhos
Só precisava existir
Para ser uma mão impulsionadora para promoção do de-
senvolvimento social

Sempre foi sobre equilíbrio
Não era afronta, eu não queria ser tu
Queria que pudéssemos andar juntos para fazer do mundo
um lugar melhor
Era sobre caminhar juntos e fazer do mundo um lugar melhor
Pela igualdade e equidade de género

Tarde demais

Mais uma vez fui silenciada
Formatada como acessório social para satisfação sexual,
sem direito a voz nem vez.

Impressoras Humanas

É tanta pressão social psicológica, que minha afirmação e realização pessoal se substancia na capacidade de imprimir vidas

Independentemente do meu nível de instrução e grau de preparação emocional, físico e financeiro

Preciso exprimir a dor e imprimir vidas

Sobre uma sociedade que subjuga e assassina a mulher, tornando-a vulnerável em função da condição de sexo frágil
Já faz tempo que a maternidade deixou de ser um sonho para se tornar num capricho

Capricho de um doador de esperma sem escrúpulo

Que precisou testar sua masculinidade deitando vidas ao relento, sem sustento.

Enquanto a dona Maria clama por pão para alimentar os seus

“Mamã, tenho fome, Tio me dá só pão, Papá fugiu, Mamã foi vender”

Abortar é matar?, é entregar os filhos à própria sorte?

É fugir à paternidade, como se de um objecto se tratasse, sem medidas claras para protecção social destas vidas, deitam-se fora quando bem se entende.

O sistema de protecção social para este segmento é frágil
Sem preparação, sem instrução, a alternativa é baixar as cuecas para saciar a fome dos seus

O mercado de trabalho não absorve pois não têm qualificações profissionais

A única competência que tenho é de imprimir vidas
Porque a sociedade me diz que ser mulher é ser mãe

A vida não me preparou para ser dona de mim, dona das decisões

Hoje choro com o negócio na cabeça, sob o olhar atento dos homens da lei, pois é mais um dia de corrida

Quanto aos meus filhos, lhes é negado o direito à educação e protecção, o direito a uma vida com dignidade

A sociedade os vê mas desconhece, não foram reconhecidos legalmente

Porquê?

“Papá se deixou com a mamã”

Maria, acorda, não precisa ser assim, levanta, levanta-te para a vida, emancipa-te, é sobre teu corpo é sobre tua história, tens algo a dizer, precisas dizer

Vive os teus sonhos, não te deixes pressionar, não és uma impressora humana

Filhos são bênção sim, mas não os faças porque ele quer ou para garantir o lar

Porque quando ele não mais estiver aqui, a sociedade que te condena por não teres filhos é a mesma que assassinará os teus filhos.

Sonhos

Sonho com o momento que não precisarei mais me proteger da sociedade

Pois ela assimilou que dela faço parte, e não sou um ser à parte

Sou livre e igual em dignidade e em direitos

Sonho com o momento em que a educação sexual para homens e mulheres será a mesma, pois não precisarei trancar minha filha em casa por medo que ela seja abusada sexualmente, nem pedir a ela que suporte a traição, e se submeta a contrair uma DST porque é natureza do homem

Sonho com o momento em que ser mulher, não mais significará ser vulnerável

Sonho em poder ter voz sobre o meu corpo, viver os meus sonhos e não o que a sociedade impõe sobre mim

Sonho com o momento em que a cultura deixará de legitimar a violência de gênero, e a sociedade deixará de assimilar o assédio e o abuso sexual como algo natural

Sonho com o momento que deixaremos de justificar o agressor por ser homem e culpabilizar a vítima por ser mulher

Sonho com o momento em que seremos vistas como homens e mulheres livres e iguais, em dignidade, em direitos

Sonho com o momento em que a cultura e a religião deixarão de subjugar a mulher, tornando-a em escrava do lar e mostrar que merece espaço na sociedade

Como se diz na gíria

“uma mulher sem homem não tem valor”

Mas qual valor?

Eu quero ser autora da minha própria história

Sonho com a minha carta de alforria, por um mundo sem
opressão

Sonho com uma sociedade justa onde todos são filhos e
temos, todos, oportunidades iguais a nível político, econó-
mico e social

Sonho com o momento em que ser mulher, não mais sig-
nificará ser vulnerável

Sonho com o dia em que a educação será para a forma-
ção do ser enquanto ser social, e não pela conotação
homem e mulher

Sonho com a equidade e igualdade de género.



**“não
precisamos
de flores**

**precisamos
dos nossos
direitos”**

com o apoio



Este projeto é financiado
pela União Europeia